1

“Esta maneira de chorar dentro de uma palavra”

1.1

O testemunho da Guerra de Angola

Da primeira vez em que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha
Depois, de cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha
E hoje, dos meus cadáveres, eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada
Arde um toco de vela, amarelada,
Como único bem que me ficou!
(Mário Quintana)

Em janeiro de 1971, António Lobo Antunes, médico psiquiatra recém-formado, partiu para servir na guerra de Angola como médico militar. Apesar de a Europa há tempos ter passado por um movimento de libertação das colônias, o governo de Salazar insistia em manter as ações coloniais no ultramar, que já perduravam há dez anos. A guerra em Angola iniciou em 1961 e se estendeu até 1974, quando a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, pôs fim a essa relação colonial, abrindo uma nova etapa de tensões tanto em Angola quanto em Portugal.

Lobo Antunes participou da guerra durante dois anos e, ao lermos algumas de suas crônicas, podemos perceber que essa experiência marcou profundamente a sua vida e o seu projeto de escrita. Segundo Eduardo Lourenço a *África foi o espelho no qual ele pode ver melhor, de longe, aquilo que eram as utopias, as hipocrisias, o delírio da existência portuguesa no seu conjunto.*²⁷ As marcas da guerra foram cruciais para que Lobo Antunes pudesse *descobrir não só o absurdo palpável de ordem histórica, mas a necessidade de reinscrever na História portuguesa, de uma maneira diversa da dos autores que só tinham experiência*

²⁷ LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”, p. 351.

*realmente européia*²⁸. Exatamente por ter as duas experiências, tanto a de médico e intelectual europeu, como a de soldado na guerra colonial, é que entendemos que a guerra deixou traços na escrita do autor não apenas em seus textos que a tomam como eixo central, mas também naqueles que focalizam valores e relações afetivas na sociedade portuguesa.

O autor regressou a Portugal em 1973 e, seis anos depois, publicou seus dois primeiros romances: *Memória de elefante* (1979) e *Os cus de Judas* (1979). Lobo Antunes entra, portanto, na cena literária portuguesa como um autor profundamente associado às questões da guerra colonial, graças a sua particular participação no âmbito do conflito, mas também graças à trilogia que toma a guerra como foco central, composta pelos dois romances citados acima e por *Conhecimento do Inferno* (1980), publicado no ano seguinte. Em menos de três anos, o autor publicou três livros.

Observamos, a princípio como uma curiosidade, mas posteriormente como um fato relevante que merece espaço nesta dissertação, que Lobo Antunes só publica seu primeiro livro (leia-se, só tem em mãos um romance que merece ser publicado) seis anos após retornar da guerra, aos 36 anos, apesar de ter decidido ser escritor aos cinco anos²⁹. Para uma decisão tão precoce, é de se estranhar que tenha começado a carreira, segundo o próprio, *tardamente*.

Esta evidência vai ao encontro de nossa proposta para essa dissertação no sentido de mostrar que o trauma da guerra não é algo que pode ser simplesmente superado. Trata-se de uma dor que precisa ser exteriorizada. Alguns soldados, por exemplo, se suicidaram, como veremos adiante. Acreditamos que Lobo Antunes, como forma de *sobrevivência*, escreveu romances e crônicas. Claro está que não pretendemos reduzir a sua vasta obra a um desabafo particular. Não se trata de uma questão simplista, ao contrário, pretendemos criar a suposição de que para Lobo Antunes, que sempre escreveu compulsivamente desde criança, *Eu comecei a escrever com cinco ou seis anos. E era muito interessante porque você punha as*

²⁸ Ibidem

²⁹ Entrevista de António Lobo Antunes acessível em: <http://www.youtube.com/watch?v=S5RH9wNyOFE>

*palavras umas com as outras e fazia sentido. Então era maravilhoso*³⁰ e que pretendia escrever obras-primas *Eu fazia os livros e pensava: ainda não é isto, não é isto, não é isto, não é isto*³¹ pode ter encontrado na experiência empírica da guerra a motivação necessária para realizar essa obra-prima que buscava:

Começa a ser difícil aos quatorze quinze anos quando você entende que há uma diferença entre escrever bem e escrever mal, aí começa a angústia, né. Depois pelos dezoito você entende que há uma diferença entre escrever bem e obra-prima. Aí é a aflição total. Porque você quer escrever obras-primas, quer dizer o que nunca ninguém disse.³²

Na tentativa de nomear aquilo que nunca conseguirá realmente dizer e, por isso mesmo, aquilo que o proíbe de se calar e de se esquecer, Lobo Antunes cria um mecanismo de escrita, consoante com o seu tempo, que é capaz de transmitir esse sentimento que pode ser traduzido por meio da arte.

Porém, por mais que o autor nos mostre que existe uma tentativa, mais do que isso, uma necessidade de narrar o acontecido, ele mesmo afirma em entrevista à María Luisa Blanco: *há muitas recordações, muitas vivências, não posso falar de todas, de algumas é muito difícil falar*.³³ Percebemos essa angústia na crônica *Emília e uma noites*, que é talvez a crônica mais representativa do sentimento arrebatador que a experiência da guerra lhe traz. A repetição como um eco da frase *Angola me veio com toda força ao corpo*³⁴ evidencia a impossibilidade de recuperar a própria experiência no limite do indizível, evidenciando um trauma que não foi superado.

Não sei explicar bem: já não me acontecia há muitos anos, julgava-me livre, julgava-me numa certa paz e estou a mexer a mão sobre o papel com tanta pressa e tanta raiva (...) porque é insuportável sentir que Angola me veio com toda força ao corpo.³⁵

³⁰ Entrevista de António Lobo Antunes acessível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Wg7g86TGOGk>

³¹ Entrevista de António Lobo Antunes acessível em: <http://www.youtube.com/watch?v=S5RH9wNyOFE>

³² Entrevista de António Lobo Antunes acessível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Wg7g86TGOGk>

³³ BLANCO, María Luisa. “Os personagens dos meus livros perseguem-me, é como se vivesse rodeado de fantasmas”. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 81

³⁴ ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 217

³⁵ Ibidem

A *raiva* que o narrador expressa por ter sido tomado subitamente pela memória da guerra no dia do seu aniversário traz a angústia de quem não é capaz de ter paz. Podemos entender essa *paz* que o narrador procura e que julgava ter encontrado, mas que, arriscamos dizer, nunca encontrará – *proíbo que me tirem radiografias para que as árvores de África não apareçam a tremer na película*³⁶ – causa um sentimento de agonia no leitor. Consciente do efeito que as revelações descritas na crônica poderiam causar, Lobo Antunes pede desculpas:

Aos que se interessam pelo que escrevo, peço desculpa: ia dar-vos um crônica chamada Emília e uma noites (...) Achava que vocês iam gostar e todavia não consigo: Há tanta coisa em mim, tanta metralhadora, tanto morteiro, tanta horrível miséria. Para a próxima garanto que faço os possíveis por vos dar uma crônica como vocês gostam. Hoje não posso. Eu sei que vocês não têm nada com o assunto e como nunca viram rapazes mortos sob os eucaliptos do Ninda muito menos têm de pagar as favas disso. Desculpem.³⁷

Entretanto, este desabafo pode também ser encarado como uma crítica. Dessa forma, o autor suscita no leitor a interrogativa: Um ex-combatente, mandado para a guerra tão jovem deve se desculpar por suas ininterruptas lembranças dos horrores da guerra? Para aqueles que já leram a primeira trilogia de Lobo Antunes *Memória de Elefante*, *Os Cus de Judas* e *Conhecimento do Inferno*, em que a guerra tem papel central, é difícil ler sinceridade nesse pedido de desculpa, já que nos romances, o autor culpa sistematicamente a sociedade por tê-lo enviado à guerra. Margarida Calafate trata dessa questão no texto “Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo”, quando fala sobre *o complexo diálogo com esta sociedade que não foi à guerra e que, aos olhos do narrador-personagem, participou, ainda que por silenciamento, numa traição, ao enviá-los para África*.³⁸ O pedido de desculpa e a promessa de uma nova crônica “como vocês gostam” evidencia criticamente a mentalidade do povo português. O autor, contudo, se recusa a ceder ao apelo do público: *Não vou ter*

³⁶ ANTUNES, António Lobo. “Uma festa no seu cabelo”. In: Segundo Livro de Crónicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 225

³⁷ ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 218/219

³⁸ CALAFATE, Margarida. “Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo” P. 262

*humor nem ser inteligente nem subtil nem terno nem irónico: Angola me veio com toda força ao corpo*³⁹.

Além disso, a partir do momento em que o autor publica o texto, é muito questionável uma postura de arrependimento. É evidente que se ele de fato acreditasse que o leitor *não tem nada com o assunto*, e não merece ler *Emília e uma noites*, não a teria publicado, como não publicou tantos outros textos, e até romances, por não achá-los suficientemente bons, como já vimos na entrevista acima. Claro está que o pedido de desculpa não traz consigo certa ingenuidade, como poderia parecer a um leitor desatento, ao contrário, trata-se de uma forma eficiente de denúncia.

Pode-se notar que os princípios de um regime autoritário só se estabelecem quando existe um eco dessa mentalidade impregnado na sociedade. E, nesse caso, muitos portugueses defenderam a causa da guerra, convencidos de que aquele território, por direito, lhes pertencia. A causa da África era defendida com o argumento de que Portugal era uma nação pluricontinental. Este discurso patriota é repetido em uma entrevista que Salazar concede a António Ferro em 21 de abril de 1961:

21 de Abril 1961. Há uma resolução da ONU a condenar a política africana de Portugal. Ninguém entende a nossa forma de estar no mundo. Não percebem que a nossa Nação é pluricontinental e plurirracial, é Una, vai do Minho a Timor e a Pátria não se discute. (...) Ingleses, franceses e belgas abandonaram a África e agora exigem que façamos como eles fizeram? Estão enganados, somos diferentes, não viramos costas para Pátria que dilatámos, soprados somos pelos ventos da História. Não querem ouvir-me e fico só, orgulhosamente só.

Esta mentalidade divulgada pelo Estado penetrou também na sociedade portuguesa. Em nome da pátria, o povo português apoiou a guerra, alienados dos horrores que ocorriam na África. Evocando Lourenço, deparamo-nos com a mentalidade da sociedade portuguesa em relação às “suas” colônias:

a nação inteira foi direita a travar um combate que não era o seu, (...) esbarramos com a África, que devia ser nossa, que imaginávamos como nossa, que de algum

³⁹ ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 217

modo era nossa e que perdemos duas vezes: perdemo-la na realidade e perdemo-la mesmo na ficção que nós nos fazíamos dessa África.⁴⁰

Na mesma crônica, “Emília e uma noites”, Lobo Antunes revela uma conversa que teve com o capitão Ernesto Melo Antunes, que trabalhou com ele em África e se tornou seu grande amigo e, por isso, merece uma crônica em sua homenagem: *Não se desce vivo de uma cruz*⁴¹. Nessa conversa, já em Portugal, tempos depois da guerra, Lobo Antunes relata ter dito ao seu capitão: *Nunca vi ninguém tão corajoso debaixo de fogo como você a passear de lanterna acesa no meio dos abrigos*. Recebeu como resposta: *Sabe? É que às vezes apetecia-me morrer*⁴². Esse diálogo causa certo choque, o autor também se mostra chocado ao dar continuação ao diálogo com uma pergunta que se direciona ao leitor: *Entendem um bocadinho melhor agora?*⁴³. Essa frase evidencia que, para o autor, o diálogo por si só já apresenta a carga que durante toda a crônica ele tentou passar. Se o leitor não foi capaz de entender as imagens e sentimentos que foram construídos ao longo da crônica, ele pode entender melhor agora, depois da confissão de Ernesto Melo Antunes. Diante do terror da guerra impingida por um governo truculento e autoritário, apetecia-lhe morrer.

Lobo Antunes parece concordar que, por vezes, o silêncio pode dizer mais do que mil palavras, e comumente o autor utiliza a lacuna e o espaço em branco para cumprir essa função arrebatadora. Como no trecho a seguir, ainda em *Emília e uma noites*: *Podia relatar-vos coisas horríveis, absurdas, cruéis ao ponto de ter vontade de*⁴⁴

A frase não continua. Percebemos que o efeito estilístico do vazio vai além do efeito que a frase completa poderia causar. Lobo Antunes deu uma declaração que vai ao encontro desta proposta: *Se a gente quer escrever livros a sério tem que aspirar ao silêncio. E encher os livros de silêncio. E o leitor ler as palavras*

⁴⁰ LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”, p. 353.

⁴¹ ANTUNES, António Lobo. “Não se desce vivo de uma cruz”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 150

⁴² ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 217

⁴³ Ibidem

⁴⁴ ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 218

que não estão lá escritas e no entanto estão lá⁴⁵. Nota-se que a fragmentação discursiva não nos remete apenas a um requinte estilístico, mas leva imperativamente a uma necessidade de desconstrução. Desconstrução esta que Lobo Antunes prefere não restabelecer. Se, como em um jogo de quebra cabeças, o objetivo é ver, ao fim, a figura em um enquadramento perfeito, o jogo do autor, ao contrário, faz questão de não juntar as peças, de não dar respostas, mas de criar perguntas que serão questionadas por cada leitor de uma forma diferente. No artigo “Crônicas de Lobo Antunes: Narrativas Estilhaçadas” publicado na revista *Semear 7*, o professor Alexandre Montauray fala sobre os *silêncios e suspensões* que são intrínsecos à narrativa do autor:

A produção de lacunas e "espaços indecíveis" torna-se estratégia narrativa para encenar a perda ou a ausência de modelos organizadores de sentidos totalizantes. Ao leitor caberá entrever, através das fendas, as "pequenas narrativas em estado de escombro" que se vão arrumando e desarrumando em seqüência.⁴⁶

Entretanto, o silêncio em si não pode se apresentar como a melhor estratégia para um escritor, que evidentemente trabalha com o texto. Contudo, no ritmo imposto pela sua narrativa, essa tática se revela excepcional, mas isso só ocorre porque para além das lacunas existem as palavras. Sem meio termo, sem cerimônia:

Lê-se que a guerra estava controlada em Angola: a guerra estar controlada era eu contar os mortos. (...) Se calhar a guerra estar controlada tem que ver com o número reduzido de cadáveres: a merda é que eu os vi. Os conhecia. Costumava falar com eles, essas perdas insignificantes.⁴⁷

A partir deste trecho, podemos entender a proposta do autor de representar as imagens da África a partir de um drama coletivo. O autor enfatiza essa visão, como veremos em outras crônicas em que relata questões tanto dos negros africanos quanto dos soldados portugueses. Todavia, apesar de se sentir pertencente ao grupo e de não apresentar uma visão individualista sobre as questões relativas a violência, o autor não se restringe a esta vertente. Ao escrever

⁴⁵ Acessível em: <http://www.youtube.com/watch?v=cM5bSKc3Wuc&feature=related>

⁴⁶ MONTAURY, Alexandre. “Crônicas de Lobo Antunes: Narrativas Estilhaçadas”. In: *Revista Semear 7*

⁴⁷ ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 218

sobre o sofrimento mais interiorizado, abordando questões como projeto de vida e expectativas, Lobo Antunes apresenta uma forte tragédia pessoal.

Eu não estava preparado, era novo demais, se calhar é-se sempre novo demais. Percebam: Eu não merecia aquilo. Falo por mim: não sabia como aquilo era e ao saber como aquilo era compreendi que não merecia aquilo.⁴⁸

Contraditoriamente, ou talvez naturalmente, Lobo Antunes guarda também imagens e impressões positivas da África. Como podemos ver na *Crónica para ser lida com acompanhamento de Kissanje*, em que o autor afirma:

A coisa mais bonita que vi até hoje foi Angola, e apesar da miséria e do horror da guerra continuo a gostar dela com um amor que não se extingue. Gosto do cheiro e gosto das pessoas.⁴⁹

A declaração é surpreendente para aqueles que já leram os “relatos de guerra” de António Lobo Antunes. Porém, posteriormente, entendemos que o autor nunca desvencilhou a imagem dos horrores da guerra da imagem afetiva que a África traz para ele. Afinal, é impossível que um país contenha apenas aspectos negativos. O autor não vê os africanos como seus inimigos, ao contrário, nessa crônica, Lobo Antunes, que costumava ser chamado de *Kimbanda Kindele* (médico branco), afirma que muitas vezes, em África, se envergonhou de sua cor.⁵⁰ Isso porque, naquele contexto, os brancos se apresentavam como um contraponto aos negros, e Lobo Antunes não tinha esta visão de colonizador interiorizada. A guerra era para ele um despropósito. Como o autor costuma afirmar, *todas as guerras são um erro formidável. E Ninguém ganha uma guerra. Todos perdem.*⁵¹

Além das belíssimas imagens de Angola que essa crônica traz, com seus vinte mil hectares de girassol na Baixa do Kissanje, nela explodem também as referências positivas da cultura africana: o *colega feiticeiro euá quimbanda*, *tia Teresa* e sua *cupata de putas*, a *lata de pó de talco* que protegia do mau olhado, o fumo de *mutopa*, o *cachimbo de cabaça*, a velha que lhe apertava os dedos, os

⁴⁸ ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 218

⁴⁹ ANTUNES, António Lobo. “Crónica para ser lida com acompanhamento de Kissanje”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 31

⁵⁰ Idem, p. 32

⁵¹ Acessível em: <http://www.youtube.com/watch?v=S5RH9wNyOFE>

homens que jogavam com ele *uma espécie de gamão de pedrinhas à medida que olhavam a jangada atravessar o rio Cambo, a fazenda de tabaco do senhor Gaspar*,⁵² dentre outras. O autor ainda chega a afirmar: *No meio da miséria e do horror havia momentos de um contentamento tão grande. Uma paz de eternidade que não voltei a encontrar*.⁵³

É estranho que se passem momentos de paz na guerra? Talvez não. Talvez seja exatamente essa ambiguidade que corra no sangue dos grandes artistas: A capacidade de apreender várias visões da realidade sempre múltipla. O autor também se pergunta sobre esta questão na crônica *Há surpresas assim*⁵⁴, quando relembra que da mesma forma que era capaz de *matar sem complacência*⁵⁵, era também capaz de lutar horas para salvar quem não conhecia, *um infeliz qualquer*. O autor lança a pergunta: *Quem me explica isso? Como se pode ser, ao mesmo tempo, tão brutal e compassivo?*⁵⁶. Lobo Antunes passeia pelos opostos.

Ressalta-se ainda que o autor se admira e aprecia a sabedoria da cultura popular africana que lhe é alheia: *Se encostasse o meu ouvido a uma árvore, não sabia, como a tia Teresa, quem vinha*.⁵⁷ Em contraste, surge a crueldade desumana com que a PIDE tratava este povo “desprotegido”, como podemos observar na crônica *Esta maneira de chorar dentro de uma palavra*.⁵⁸

Nesta crônica, o autor não nos poupa dos detalhes das torturas sádicas cometidas pela P.I.D.E. (Polícia Internacional de Defesa do Estado). É espantoso que, imersos em tanta desgraça, algumas pessoas ainda sejam capazes de se divertir e de sentir prazer com o sofrimento alheio.

Uma ocasião trouxeram uma mulher grávida. Um oficial que andava conosco nessa altura empurrou a mulher para o armazém dos caixões e, à minha frente, obrigou-a a colocar um dos pés sobre uma urna e penetrou-a sem baixar as calças,

⁵² ANTUNES, António Lobo. “Crônica para ser lida com acompanhamento de Kissanje”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 31

⁵³ ANTUNES, António Lobo. “Crônica para ser lida com acompanhamento de Kissanje”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 33

⁵⁴ ANTUNES, António Lobo. “Há surpresas assim”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 289

⁵⁵ *Ibidem*

⁵⁶ *Idem*, p. 291

⁵⁷ ANTUNES, António Lobo. “Crônica para ser lida com acompanhamento de Kissanje”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 32

⁵⁸ ANTUNES, António Lobo. “Esta maneira de chorar dentro de uma palavra”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 173

abrindo a breguilha apenas. Noutra ocasião apanhou-se um guerrilheiro só com uma perna. (...) Quando se saía, colocava-se o inimigo no guarda-lamas do rebenta-minas e ele gritava de pavor o tempo inteiro.”⁵⁹

As torturas desnecessárias fazem-nos crer que, como disse Oliveira Marques, *a P.I.D.E. não pertenceu a um mundo civilizado e humanista, aparentando-se antes com regimes de tipo anterior à Revolução Francesa*.⁶⁰ Lobo Antunes, por sua vez, admite que também participou ativamente de episódios deploráveis na guerra: *a guerra é uma coisa atroz, eu participei activamente de coisas atrozes*⁶¹. Ao lermos a crônica *Há surpresas assim*,⁶² em que Lobo Antunes escreve para seu amigo de combate Firmino Alves, furriel, percebemos que o grupo matou muitas pessoas. *Lembra-se, nosso furriel, como era fácil disparar? Lembra-se quando foi preciso tirar as armas do pessoal para que não nos matássemos uns aos outros? O colega de baralho transformado em inimigo e a gente capaz de o rebentar se ganhava uma vasa?*⁶³ Após tantas contradições que o próprio autor confessa não entender perfeitamente, ele se define: *Que sinistros, tocantes, impiedosos, maravilhosos bichos nós éramos*.⁶⁴

Como é possível adivinhar, ninguém sai ileso de uma guerra. Participar dela passivamente, em cumplicidade com tamanha violência já é assombroso, como podemos observar no trecho: *O chefe da Pide de Gago Coutinho, em contrapartida, era mais civilizado: preferia aplicar choques elétricos nos testículos e num gesto de simpatia convidou-me a assistir*⁶⁵. As imagens que Lobo Antunes narra sobre Angola são passíveis de compadecimento e, por meio delas, é possível tentar compreender o suicídio dos soldados pós-guerra.

Podemos verificar ainda nesta crônica que a culpa talvez seja o principal motivo para que os soldados se suicidassem: *E foi quando nos mudaram para um*

⁵⁹ ANTUNES, António Lobo. “Esta maneira de chorar dentro de uma palavra”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 174

⁶⁰ MARQUES, Oliveira. In: *História de Portugal*. vol. II, p.433

⁶¹ Entrevista concedida à Alexandra Lucas Coelho em 30 de janeiro de 2000. In: “António Lobo antunes depois da publicação de ‘Exortação aos crocodilos’ – ‘Agora só aprendo comigo’” Público. P.334

⁶² ANTUNES, António Lobo. “Há surpresas assim”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 289

⁶³ ANTUNES, António Lobo. “Há surpresas assim”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 291

⁶⁴ Ibidem

⁶⁵ ANTUNES, António Lobo. “Esta maneira de chorar dentro de uma palavra”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 174

*lugar mais calmo, sem guerra, que os soldados principiaram a suicidar-se.*⁶⁶ É notório que a luta pela sobrevivência faz com que o ser humano aceite formas indignas e humilhantes de vida. Durante a guerra, onde a violência e a crueldade passam a ser banais e permitidas, é muito difícil que se encontre lugar para a culpabilidade. Na crônica *Há surpresas assim*, Lobo Antunes justifica a violência cometida por ele: *A crueldade não era maldosa nem a violência perversa. Ao cabo de meses e meses de guerra ganhava-se a simplicidade directa dos bichos*⁶⁷.

A pressão de ir visitar o barraco onde os caixões esperavam e perguntar *qual vai ser o meu?*⁶⁸ faz com que a sobrevivência se torne imperativa: *Nem reflexões, nem sonhos, nem problemas de consciência: apenas a gana de durar à superfície dos dias.*⁶⁹ No entanto, após o perigo, a dificuldade de conviver com a culpa e com o peso das barbaridades vistas e cometidas, passiva ou ativamente, faz com que a lembrança dos crimes se torne insuportável. Sobre o suicídio dos soldados em Angola, diz-nos Maria Alzira Seixo:

O suicídio é uma das formas de tentar vencer o absurdo, como toda a literatura existencialista não se cansou de mostrar, mas o suicídio do soldado em Angola, cuja missão é matar, faz acrescer a esse absurdo de ordem existencial, derivado da incompletude entre o ser humano e o sistema social que o condiciona, uma componente identitária, que pode permitir-nos uma leitura pós-colonial deste texto: “As pessoas matam-se porque estão fartas (...). Fartas de não perceberem porque é que morrem” (SEIXO, 2002: 510).

Podemos entender também que a aceitação da morte na guerra surge como um mecanismo de defesa. Ou seja, contraditoriamente, a única saída para a sobrevivência na guerra é concentrar que a qualquer momento se pode morrer. Lobo Antunes comenta em entrevista a María Luisa Blanco que os *rebenta-minas*, que vão à frente da tropa para detectar as minas e, eventualmente, explodir junto com elas, nunca se negaram a partir ou deram desculpas para não irem, *nem um*,

⁶⁶ ANTUNES, António Lobo. “Esta maneira de chorar dentro de uma palavra”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 174

⁶⁷ ANTUNES, António Lobo. “Há surpresas assim”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 291

⁶⁸ ANTUNES, António Lobo. “Esta maneira de chorar dentro de uma palavra”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 173

⁶⁹ ANTUNES, António Lobo. “Há surpresas assim”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 290

*nunca, era fantástico. O autor ainda nos diz que eles se despediam Venho despedir-me de si, meu alferes, porque vou morrer.*⁷⁰

1.2

A experiência Benjaminiana e a escrita Antuniana

“Dá para soltar um grito devagar?”⁷¹

(Lobo Antunes)

A crônica *Há surpresas assim*⁷² também nos revela uma comparação por metáfora do sofrimento e das contradições da guerra com o sofrimento e as contradições de escrever um livro. Nessa crônica, a princípio, esperamos uma abordagem metalingüística sobre a atividade literária do autor, como tantas outras crônicas de António Lobo Antunes. Isso porque ela se inicia com a imagem de um homem que anda *às voltas com um livro, carregado de angústias e de dúvidas*⁷³. Contudo, ao descrever a sua dificuldade de escrita, *actividade que raramente associ(a) ao prazer*⁷⁴, passando por um momento *furioso, desanimado, exausto*, encontra uma carta e uma foto de sua filha Zezinha em Angola. É quando o assunto se desvia da metalinguagem às lembranças bélicas.

Dizemos que existe uma comparação por metáfora porque o campo semântico permanece o mesmo, ou seja, vocábulos paradoxais de sofrimento e prazer, tanto da relação com a escrita quanto com a guerra. O autor utiliza a expressão *paradoxal alegria*⁷⁵ para designar seu sentimento em Angola, conceito de ambiguidade que, inclusive, já foi utilizado anteriormente nessa dissertação. Podemos, por dedução, aproximar essa expressão - *paradoxal alegria* – da atividade literária, uma vez que, para este ofício, o autor dedica a maior parte do

⁷⁰ BLANCO, María Luisa. “Os personagens dos meus livros perseguem-me, é como se vivesse rodeado de fantasmas” In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 2002, p.201

⁷¹ ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 219

⁷² ANTUNES, António Lobo. “Há surpresas assim”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 291

⁷³ Ibidem

⁷⁴ Ibidem

⁷⁵ Ibidem

seu tempo: *a adormecer com elas* (as páginas do romance) e *a acordar com elas, a empenhar tempo e saúde*. Porém, ao mesmo tempo, paradoxalmente, está *sofrer com um romance 15 horas por dia, todos os dias, aflito, raivoso, com ganas de desistir*⁷⁶. A relação nada confortável do autor com o seu trabalho e ao mesmo tempo a necessidade imperativa de escrever *15 horas por dia* pode ser aqui problematizada. No entanto, ainda mais curioso, é que ele aproxime, ainda que por metáfora, essa questão de outra questão, também problemática para o autor, que é o período em que viveu na guerra. Outra evidência dessa comparação aparentemente sem sentido são as seguintes frases: *Terminando* (o romance) *como um boi a lavrar as palavras* e *Ao cabo de meses e meses de guerra ganhava-se a simplicidade directa dos bichos*⁷⁷. Ao igualar-se aos animais, o autor nos remete aos instintos irracionais e à obediência. Esta perspectiva vai ao encontro da nossa premissa de que a escrita de Lobo Antunes se coloca como uma necessidade vital de sobrevivência pós-guerra.

Nessa carta, Zezinha fala da *miséria da guerra, da morte, do sofrimento, em uma linguagem que vai direto ao coração*. E o autor questiona: *Por que não escrevo assim, com esta simplicidade enxuta, esta despreziosa ternura, esta força?*⁷⁸ Nesta frase fica clara a mesclagem entre a escrita e a guerra, entre a forma e o conteúdo. Pois as crônicas em que o autor escreve sobre a sua experiência na guerra têm geralmente a sua forma “prejudicada” em relação ao conteúdo. Como exemplo, podemos citar *Emília e uma noites*, onde o autor desabafa: *isto deve estar uma porcaria porque nunca na vida escrevi nada tão depressa*.⁷⁹ É claro que *Emília e uma noites* é uma crônica belíssima, não se questiona se é de fato uma *porcaria*, mas, com essa observação do autor, temos a chave para questionar para que serve a estilística da escrita, a poesia, diante de lembranças tão doloridas. Será possível escrever de forma poética, pensada, relida e corrigida sobre os horrores experienciados na guerra? Ao menos nessa crônica, Lobo Antunes confessa:

⁷⁶ Ibidem

⁷⁷ ANTUNES, António Lobo. “Há surpresas assim”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 291

⁷⁸ Ibidem

⁷⁹ ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 219

Estou a mexer a mão no papel com tanta pressa e tanta raiva eu que faço tudo devagar, principalmente desenhar palavras, eu que não vou corrigir nem uma sílaba, nem uma vírgula, nem reler isso sequer.⁸⁰

Parece-nos, por conseguinte, que nas crônicas em que a guerra ocupa papel central na narrativa, o texto acompanha a emoção do autor e assume uma estrutura mais seca e direta, sem a perspicácia e a ironia que lhe são peculiares. Ainda cabe lembrar que o título “Emília e uma noites” nos remete inevitavelmente à obra prima da literatura oriental “As mil e uma noites”. Não por acaso, Lobo Antunes dá à crônica mais arrebatadora sobre Angola um título que nos remete à história de uma personagem que conta histórias para sobreviver. Scherazade é uma personagem imortal e universal por um único motivo: A ficção lhe salva a vida em um ambiente de morte iminente.

Escolhemos essas duas crônicas “Há surpresas assim” e “Emília e uma noites” para iniciar este capítulo porque vamos aludir ao artigo *Experiência e Pobreza*, de Walter Benjamin, em perspectiva com a atividade literária de António Lobo Antunes. Assim, pretendemos mostrar que aquilo que Benjamin viu como solução para que a geração sobrevivente da guerra pudesse manter a transmissão de uma experiência, foi realizado por António Lobo Antunes. Cabe então evocar Eduardo Lourenço em *Divagação em torno de Lobo Antunes* em uma perspectiva da escrita antuniana que vai ao encontro dessa argumentação:

O encontro com o obstáculo África, (...) o acordou a ele e indirectamente vai acordar a ficção portuguesa para um encontro com a realidade, que não se encontra em mais nenhum outro romancista, seu contemporâneo.⁸¹

Eduardo Lourenço parece concordar que a experiência da guerra foi para Lobo Antunes o estopim que deu subsídios para que ele encontrasse a profundidade necessária para escrever com a intensidade literária e humana que buscava: *A verdadeira aventura que proponho é aquela que o narrador e o leitor fazem em conjunto ao negrume do inconsciente, à raiz da natureza humana.*⁸²

⁸⁰ Ibidem

⁸¹ LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”. In: *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes*. P. 351

⁸² ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 113

Este desejo, que Lobo Antunes não cansa de dizer que é o seu maior objetivo na sua literatura, é alcançado por ele no sentido de *arrancar as máscaras*⁸³ e *servir como espelho*⁸⁴ que reflita o leitor, para que assim ele possa “se encontrar” nessas narrativas. Essas metáforas são recorrentes nas análises de sua obra e entoam a procura de uma verdade interior, de uma busca por si mesmo. *Reparem como as figuras que povoam o que digo não são descritas: é que se trata de vocês mesmos.* O autor ainda revela nesta crônica o desejo de que os seus romances não ficassem ao lado dos outros nas livrarias para que não contagiassem as outras narrativas nem tampouco os leitores desprevenidos: *é que sai caro buscar uma mentira e encontrar uma verdade*⁸⁵. Sobre essa verdade, Lourenço afirma que *estando debaixo dos nossos olhos, não era vista* e, com isso, acredita que *pouco a pouco Lobo Antunes foi inventando um outro país, que é o nosso país.*⁸⁶

Nota-se, portanto, que António Lobo Antunes almeja em seu projeto de escrita, alcançar uma “verdade”. Apesar de o conceito de “verdade” ser bastante amplo, entendemos que o autor tem como alvo evidenciar, por meio da ficção, questões problemáticas, tanto sociais quanto individuais, que as pessoas procuram camuflar. Ainda que colaborando através do ficcional, o autor espera concretizar alguma mudança no âmbito do real.

Em relação ao Benjamin, é importante esclarecer que, apesar de a teoria construída no ensaio “Experiência e Pobreza” ser perfeitamente consoante com o que pretendemos aqui defender, Benjamin fala de outro lugar e de um contexto de guerra mundial. Claro está que não pretendemos julgar qual foi a guerra mais cruel, pois não somos capazes de criar parâmetros para tal julgamento. Entretanto podemos afirmar que a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais devastaram por completo o território europeu, enquanto a guerra colonial se estabeleceu em outro continente, de forma que, para os portugueses que dela não participaram, ou seja, não combateram em África, foi mais fácil fechar os olhos para o ocorrido. Talvez

⁸³ LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”. In: *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes*. P. 351

⁸⁴ ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 113

⁸⁵ ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 113

⁸⁶ LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”. In: *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes*. P. 351

essa razão justifique o silêncio que pairava em Portugal em torno da questão colonial, pois, estando longe, e ainda em uma ditadura que camuflava as informações, a maioria dos portugueses não se identificava com o sofrimento causado pela guerra. A realidade dos países que participaram das guerras mundiais foi outra. Para esses foi necessário reconstruir tanto as cidades como as pessoas, que também se encontravam “destruídas”. Uma geração de jovens foi dizimada e aos sobreviventes cabia a “missão” de recomeçar do zero.

É claro que a guerra colonial portuguesa gerou grandes consequências, pois foi o estopim que culminou na Revolução dos Cravos em 25 de abril de 1974, que pôs fim a ditadura. *O movimento militar de 25 de abril de 1974 pouco tivera de ideológico em suas raízes. Fora, acima de tudo, uma revolta de protesto contra a condição das forças armadas e a eternização da guerra colonial.*⁸⁷ Observamos esse fato como uma evidência de que a superação é geralmente realizada por aqueles que viveram o trauma da experiência bélica. Considerando o 25 de abril, foram os militares, na sua maioria capitães, que conduziram a revolução, e não a sociedade portuguesa. Acreditamos então, que António Lobo Antunes, por ter participado, ter seu corpo marcado eterna e profundamente pela guerra, assim como os cidadãos europeus que experienciaram as guerras mundiais, também sente a necessidade de se impor por meio do seu testemunho.

A suposição criada nesta dissertação alude a capacidade transformadora que a guerra cria afetivamente e psicologicamente nos indivíduos. Não versa sobre psicanálise, que fique claro, se refere sim às consequências afetivas que a destruição e caos causam nas pessoas. Por isso mesmo, entendendo que a sociedade é composta pelos indivíduos em sua coletividade, abordamos o saldo que isto traz para a sociedade. Portanto, no caso em questão, trazemos à luz a evidência de que comparativamente à Europa que se transformou, mudou o olhar em relação ao mundo após as guerras mundiais, precisando recomeçar das ruínas, em Portugal, que não vivenciou a experiência da guerra com a mesma intensidade devastadora, a Revolução foi causada exatamente por aqueles que dela participaram, qual seja, os combatentes.

⁸⁷ MARQUES, A.H. de Oliveira. “História de Portugal: Das revoluções liberais aos nossos dias”. 3 edição, 1986, Palas Editores. Volume III. P. 595

O sofrimento que a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais causaram aos que dela fizeram parte ativa ou passiva, direta ou indiretamente, não pode simplesmente ser descrito. *Na época já se podia notar que os combatentes voltaram silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiência comunicáveis e não mais ricos.*⁸⁸ Segundo Benjamin, esse fenômeno não é estranho porque para ele *nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes.*⁸⁹

Observamos que o sofrimento insuportável dificilmente pode ser narrado como experiência comunicável. Na maioria das vezes, a vontade de silenciar e sufocar as experiências demasiadamente traumáticas se sobrepõe à necessidade de narrá-las. Benjamin nos deixa claro que quando uma experiência alcança o seu ápice culminante, não há conselhos capazes de consolar os indivíduos que dela fizeram parte. Não há o que dizer a um soldado que volta de uma guerra devastadora capaz de causar *uma paisagem diferente de tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano*⁹⁰. E questiona: *Quem tentará lidar com a juventude invocando sua experiência?*⁹¹. E questionamos nós: Que autoridade a geração que enviou esses jovens à guerra pode exercer sobre eles?

A causa da guerra não pertencia àqueles que mataram e morreram no campo de batalha. O despropósito da guerra causou um trauma irreversível, sobretudo, por não entenderem o motivo de tanta miséria.

Eu queria que a pátria se fodesse, mais o fascismo e a democracia e o caralho. Era um animal que um pôr-do-sol interessava mais que uma ideia, com um outro instinto de sobrevivência imediata dentro de mim. Não lutava por nada a não ser para que os habitantes das sanzalas se mantivessem vivos, e os animais como eu. Porque quem não estava conosco e portanto não morria eram os filhos da puta de

⁸⁸ BENJAMIN, Walter. “Experiência e Pobreza”. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura - Obras escolhidas*. São Paulo, 1996. Editora Brasiliense. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. p. 114

⁸⁹ Ibidem

⁹⁰ BENJAMIN, Walter. “Experiência e Pobreza”. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura - Obras escolhidas*. São Paulo, 1996. Editora Brasiliense. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. p. 114.

⁹¹ Ibidem

Luanda e Lisboa, os políticos, os generais, os grandes empresários, os cabrões de Portugal.⁹²

A partir desse trecho podemos observar a revolta daqueles que foram ao encontro da morte para defender interesses alheios aos seus. Essa revolta causa na juventude uma rejeição dos valores que essa sociedade e, sobretudo, que esse sistema político trazem. Por isso, Benjamin fala sobre a necessidade de *rejeitar a imagem do homem tradicional, solene, nobre, adornado com todas as oferendas do passado para dirigir-se ao contemporâneo nu, deitado como um recém-nascido nas fraldas sujas da nossa época*. A imagem do bebê recém-nascido vai ao encontro da proposta literária de Lobo Antunes que pensa da seguinte forma:

O que eu penso é que as pessoas são loucas, e que é preciso traduzir essa secreta loucura, o medo da morte, as coisas inexprimíveis. E deixar de pôr os homens em prateleiras catalogadas. (...) Eu acho que o romance tem de ser uma espécie de tricot subterrâneo, a correr por baixo da aparência. (ANTUNES, 2005: 233-234).

A aparência que o autor aborda, pode ser encarada como um contraponto à essência. Se entendermos dessa forma, podemos afirmar que é justamente a aparência que gera as diferenças e os conflitos de interesse que provocam a guerra. Fica clara, então, a necessidade a que Benjamin se refere na citação acima: *rejeitar a imagem do homem tradicional para dirigir-se ao contemporâneo nu*.

Benjamin garante que essa pobreza de experiência, em que nenhum moribundo pode transmitir palavras duráveis de geração a geração, *não é mais privada, mas de toda humanidade*. Com isto, inaugura um novo conceito de barbárie. Um conceito positivo que *impede a partir para frente, a começar de novo, sem olhar para direita nem para esquerda. Entre os grandes criadores sempre existiram implacáveis que operaram a partir de uma tábula rasa*.⁹³

Contudo, para que isso ocorra, é importante que esse tipo de experiência seja transmitida de alguma forma aos membros da comunidade e ao mundo, para que surja sabedoria através da preservação desse sofrimento. O ato de narrar é

⁹²ANTUNES, António Lobo. “Há surpresas assim”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 290/291

⁹³ BENJAMIN, Walter. “Experiência e Pobreza”. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura - Obras escolhidas*. São Paulo, 1996. Editora Brasiliense. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. p. 116

essencial para a constituição cultural e psíquica do sujeito, já que é por meio da narração que se torna possível que o passado, e todas as experiências que ele carrega, não caiam no esquecimento. Bem como que se preservem os ensinamentos necessários para as gerações futuras. A rememoração pela palavra possibilita a reconstrução do passado que nos escapa, já que a memória é a responsável por construir e manter a identidade cultural de um povo, garantindo assim que a finitude da vida seja resguardada pela infinitude das possibilidades narrativas da memória.

Parece que Lobo Antunes encontrou em África essa transmissão de experiência primordial, que é passada oralmente de geração a geração. Como podemos ver na *Crónica para ser lida com acompanhamento de Kissanje* em que surge a figura do feiticeiro que curava as pessoas, da Tia Teresa, que era capaz de saber quem estava a caminho ao encostar o ouvido numa árvore e tantas outras formas de conhecimento que não foram incorporadas à cultura ocidental. Percebemos nas imagens da África trazidas por Lobo Antunes aquilo que se apresenta como experiência tradicional para Benjamin: *Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice.*⁹⁴

Hoje existe uma dificuldade em se reconhecer nesse passado. O avanço da tecnologia e a mudança estrutural do mundo que ocorreu no século XX fazem com que tenhamos conflitos que as gerações passadas não tiveram e, por isso mesmo, não compreendem. Avaliando a teoria de Benjamin, entendemos que é pela experiência do outro, e mais particularmente a dos mais velhos, que aprendemos a lidar com as situações presente. A partir do momento em que essas experiências não mais se apresentam como solução nem tampouco como sabedoria, o homem passa a estar solitário. Torna-se necessário então, que se reinvente uma nova forma de lidar com a experiência, alheia à forma com que as gerações passadas lidavam.

Entretanto, descobrir que nova forma é essa, capaz de cumprir a função de transmitir experiência de modo a tocar os indivíduos dessa nova sociedade

⁹⁴ BENJAMIN, Walter. "Experiência e Pobreza". In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura - Obras escolhidas*. São Paulo, 1996. Editora Brasiliense. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. p. 116

globalizada não é tarefa fácil. Hoje, parece que tudo já foi dito. *Recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações.*⁹⁵ Hoje, a multiplicidade de informações que chegam por jornais, TV, fazem com que a transmissão de conhecimento pelas histórias orais não tenha o mesmo valor que antes lhes era dado.

Observamos na escrita de Lobo Antunes quase que uma esperança de salvaguardar a humanidade. Percebe-se um esforço do autor no sentido de reescrever a história. Em Portugal pairava o silêncio sobre a Guerra Colonial, pois a censura coibiu a divulgação de notícias e de informações sobre a guerra. Lobo Antunes declara em entrevista à María Luisa Blanco: *Era muito confuso. Eu regresssei a Lisboa de férias uma única vez e aqui ninguém falava de guerra, como se ela não existisse*⁹⁶. Margarida Calafate Ribeiro defende que o fato de a guerra em Angola não ser comentada em Portugal aumenta ainda mais a necessidade de Lobo Antunes de narrá-la. Pois a partir de seu testemunho, é possível que ele estenda a sua experiência:

a todos aqueles que não tiveram a experiência da guerra, impondo-se assim a necessidade absoluta do seu testemunho, sob pena de aquilo que ele viveu e os outros não viram se tornar “inexistente”.⁹⁷

Benjamin, por sua vez, afirma no artigo “Sobre o conceito da História” que *o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.*⁹⁸. Trazendo a questão para realidade portuguesa, entendemos que o silêncio sobre a guerra, caso não fosse rompido, poderia diminuir a trágica experiência tanto dos sobreviventes como dos que morreram na batalha.

⁹⁵ Ibidem

⁹⁶ BLANCO, María Luisa. “Os personagens dos meus livros perseguem-me, é como se vivesse rodeado de fantasmas”. In: *Conversas com Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p.80

⁹⁷ RIBEIRO, Margarida Calafate. “Os cus de Judas, de António Lobo Antunes: Dos “tristes trópicos” à “feira cabisbaixa” In: *Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo*. Edições Afrontamento. P.263

⁹⁸ BENJAMIN, Walter. “sobre o conceito da história”. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura - Obras escolhidas* . São Paulo, 1996. Editora Brasiliense. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. P. 224

Dizer que Lobo Antunes reescreve a história da guerra não significa que ele pretenda criar uma teoria científica como propõe o historicismo. Percebemos, entretanto, um esforço do autor no sentido de subverter uma ordem pré-estabelecida que aceita a História oficial com única possibilidade de verdade. A subversão desta “verdade única” é possível a partir do momento em que surgem múltiplas narrações e múltiplas visões de uma realidade que deve ser mais interrogativa do que afirmativa. Segundo Benjamin, *o cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.*⁹⁹

A lacuna de relatos oficiais das guerras coloniais dá subsídios para que o sujeito literário assuma um posto dantes reservado exclusivamente à historiografia. Dessa forma, história, memória e ficção se envolvem de forma irreversível, mescladas no sentido de criar uma identidade discursiva que, por meio da narrativa, alcance um equilíbrio. Não se trata da eleição de heróis à revelia da história oficial, nem tampouco contra a história oficial. A questão é mais direcionada a dar voz àqueles que foram silenciados, e que silenciados permaneceram.

Neste caso, dar voz ao relato do *outro* significa estabelecer discursos potenciais que são capazes de inaugurar uma nova história, contrária àquela construída e amplamente divulgada como verdadeira. O *outro*, nesse caso, é não apenas o negro africano, mas também os combatentes portugueses, e porque não dizer, o próprio Lobo Antunes que, nesse caso, também se coloca no posto de vítima.

Entendemos que esses testemunhos, que levam no corpo as marcas da guerra, estão mais aptos a construir um discurso capaz de alcançar uma história verídica. Podemos assim, almejar uma realidade mais justa, não por ser impositiva, mas alternativa. Contada pelas vítimas (os que são violentados, mas também os que violentam), a nova história conduz a um meio termo que nos revela diferentes leituras do fenômeno colonial. Dessa forma, é possível entender que a realidade portuguesa conta com a ficção para abertura de novos horizontes

⁹⁹ Idem, p. 223

da sua própria história, contribuindo assim para a fuga à ilusão coletiva. Sobre esta questão nos diz Eduardo Lourenço:

A ficção de Lobo Antunes vai servir como revelador daquilo que nós mesmos não queríamos ver, que nós mesmos não queremos ver (...) a nossa realidade de seres confrontados com qualquer coisa ainda mais profunda que a morte, que é a do sofrimento, da injustiça que nós infligimos aos outros, a nossa própria miséria, aos nossos terrores sepultos. Tudo isso ele vai realizar através da sua ficção, vai realizar a verdadeira psicanálise, mas dessa vez não mítica de Portugal, mas psicanálise visceral, profunda, daquilo que nós somos ou daquilo que nós imaginamos realmente ser. (...) o que estava submerso a todos os níveis, aos níveis do relacionamento social, do erotismo, e sobretudo, o que estava imerso entre razão e loucura.¹⁰⁰

O regresso dos soldados a Portugal permite, por meio da memória, dar testemunhos capazes de quebrar o silêncio que foi gerado em torno da questão colonial. O discurso manipulador do Estado Novo constrói uma História abusiva que estabelece um desequilíbrio entre a memória desses combatentes e a História oficial. Os soldados voltam da guerra “assassinados” e já não vêem sentido na vida que levavam antes de partirem: *Regressava para filhos que não os conheciam, para mulheres que já não os entendiam, para um trabalho que já não os interessava para um país que tinha vivido sem eles e que agora os estranhava, como se a guerra os tivesse tomado para sempre.*¹⁰¹ Margarida Calafate nos dá duas razões para essa “despatrialização”. A primeira seria o excesso de expectativas construídas em África para a volta a pátria, que são inevitavelmente frustradas, e a segunda seria a mudança interior do sujeito que já *trazem outros olhos para contemplar.*¹⁰²

O preço é alto, mas se por um lado o homem é desumanizado (*era um animal com instinto de sobrevivência imediata*¹⁰³), por outro, não permite que paliativos lhes diminuam a experiência. Isso credibiliza o testemunho e torna sua experiência incontestável. A narrativa de Lobo Antunes sobre Angola não é passível de desprezo ou indiferença. Dessa forma, a memória cria, ainda que como

¹⁰⁰ LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”. In: *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes*. P. 351

¹⁰¹ CALAFATE, Margarida. “Uma história de regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo”. P. 263

¹⁰² Ibidem

¹⁰³ ANTUNES, António Lobo. “Há surpresas assim”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 290

possibilidade, já que essa sempre carrega uma dose de ficção (*não foi com certeza assim mas faz de conta*¹⁰⁴) uma nova realidade a partir da realidade rememorada.

Concluimos este capítulo com questões essenciais para a compreensão desta dissertação. A partir da teoria construída por Walter Benjamin no ensaio “Experiência e Pobreza” procuramos confirmar a premissa levantada no início do trabalho que sugere que a guerra foi determinante para a literatura de António Lobo Antunes não apenas nos textos em que esta aparece como mote principal. Neste ensaio, Benjamin aborda as mudanças do sujeito que surgem em consequência do trauma da guerra. Comprova-se que o indivíduo transforma-se após sucumbir a tanta miséria e sobreviver a ela. Para seguir em frente é necessário romper com as tradições e valores daqueles que motivaram a guerra.

Dentro desta perspectiva, Lobo Antunes ocupa um posto diferente tanto dos europeus que vivenciaram as guerras mundiais como dos portugueses que não participaram da guerra em Angola. Por isso mesmo, parece que o testemunho do autor se torna essencial, pois o seu silêncio poderia tornar inexistente tudo o que ele viveu na guerra, já que os seus relatos não aparecem na História Oficial divulgada em Portugal. Este foi também um ponto problematizado neste capítulo: Qual a importância do testemunho literário para a construção da História? Concluimos que ainda que se mescle realidade e ficção, a literatura de António Lobo Antunes ocupa papel relevante para a construção da História portuguesa.

¹⁰⁴ ANTUNES, António Lobo. “Não foi com certeza assim mas faz de conta”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 15